

Universidade Federal do ABC

Práticas de Ensino V – Plano de ensino

Robert Vagner Soares da Paixão Junior

Professor Dr. André Luis La Salvia

São Bernardo do Campo – SP

## **Apresentação**

Desenvolver um conceito de filosofia próprio significa debruçar-se sobre um tema complexo. A filosofia é o campo de estudo mais antigo da civilização humana e como tal possui uma série de definições dos mais variados gêneros. Portanto, é preciso entender que não existe um conceito único de filosofia, nem uma filosofia verdadeira, fundamental e detentora de um saber universal.

Prefiro caracterizar a filosofia em duas dimensões, responsáveis por inserir o indivíduo em uma reflexão filosófica, a saber, (1) uma perspectiva subjetiva da reflexão, na qual, o sujeito se coloca no seu tempo histórico, sua realidade e sua identidade; e (2) o caráter metodológico ao qual a própria filosofia se propõe com o seu rigor filosófico e com a história da filosofia.

Logo, em um primeiro momento, a subjetividade do indivíduo teria um papel central no começo da reflexão. A filosofia enquanto filha do seu tempo, se apresenta como uma forma de pensar o mundo a partir da problematização dessa realidade primeira. Dessa forma, é analisando o pertencimento a uma determinada classe social, etnia, sexualidade, gênero, geração, entre outros temas transversais que o indivíduo passa a construir a sua própria identidade e através dessa perspectiva surge o questionamento filosófico.

O questionamento filosófico que se apropria dessa subjetividade humana têm uma natureza complexa e múltipla, e ao canalizar esse potencial à filosofia o sujeito desperta uma atitude filosófica, responsável por pensar filosoficamente questões que perpassam a sua realidade. Portanto, cabe a intencionalidade do indivíduo se problematizar filosoficamente.

Em um segundo momento, haveria o encontro com os saberes filosóficos propostos pela história da filosofia. Um arcabouço teórico vasto das questões desenvolvidas por vários autores, sobre diversos temas. O uso dessa gama de teorias e conceitos se faz necessária, pois cabe a filosofia uma análise em uma concepção radical, rigorosa e de conjunto.

Atribuir uma análise radical, rigorosa e de conjunto à filosofia, significa dizer que a mesma apresenta critérios que expressam o fazer filosófico. Critérios tais como: analisar o problema como objeto, buscar a raiz e os princípios, estabelecer um método e um sistema, apresentar uma crítica, pensar o presente, ver além do aparente, criar,

recriar conceitos e assim por diante... Se apropriar desses critérios e usá-los no desenvolvimento de uma reflexão filosófica é o que determina um fazer filosófico.

A história da filosofia é muito mais ampla do que apenas a história desenvolvida na Europa e para, além disso, a história da filosofia não é uma camisa de força, na qual devemos estar sempre atrelados. A filosofia se recria, se transforma se constitui pelo ser e desaparecer de ideias, conceitos, noções e pensamentos. Deste modo, ela se configura como uma expressão de todos os povos e civilizações humanas, e como tanto, possui o seu caráter múltiplo e diverso, que só se constitui filosofia “objetiva” quando se relaciona com a subjetividade múltipla e complexa do ser humano.

Portanto, a filosofia se caracteriza como uma relação entre esses dois aspectos fundamentais ao processo reflexivo do indivíduo, a saber, o conteúdo filosófico da história da filosofia multicultural (diversa e complexa) e o caráter subjetivo desse mesmo processo que se constitui pela imersão individual e apropriação desses conteúdos filosóficos, no desenvolvimento de um processo radical e rigoroso da reflexão filosófica, para um possível filosofar.

O desenvolvimento de conhecimentos significativos é almejado por professores das mais diversas áreas. Em filosofia, uma das maneiras de fomentar este desenvolvimento é criar uma metodologia que torne visível as origens culturais, o pertencimento à classe social, as distinções de gênero, todos os aspectos que atravessam o ambiente escolar, são de fundamental importância na construção de um ensino atual e plural. Nesse sentido, “ensinar filosofia é dar um lugar ao pensamento do outro.” (Cerletti, 2009, pg. 87). Por conseguinte, o objetivo final de todo professor deverá ser fazer de seus alunos, indivíduos em constante transformação.

O professor de hoje, dessa forma, quando possibilita um diálogo horizontal com os alunos, valorizando as suas subjetividades e o seu contexto, constrói uma imagem a respeito do conhecimento de algo incerto, apto a ser desenvolvido e aplicado e não de um conhecimento dado, o que a meu ver, é o papel da filosofia.

A educação é um processo em construção tanto do aluno que se insere nesta estrutura desde os primeiros passos, quanto para o docente que ao lecionar está questionando a sua própria prática. E nesse sentido a filosofia seria um movimento de transição que parte de uma relação mútua entre o subjetivo e o objetivo, para percorrer um caminho de análise, ressignificação, desconstrução e criação de novos conceitos.

Despertar um espírito problematizador, significa mostrar que a filosofia está presente em todos os níveis escolares, à medida que o conteúdo filosófico se horizontaliza com a busca individual de conhecimento.

A partir dessa perspectiva, pode-se conceber algo em conjunto, respeitando os processos individuais e, ao mesmo tempo, incitando um debate coletivo do saber e do conhecimento. Pois, como afirma Cerletti “Não se termina nunca de aprender e ensinar, e, para que alguém possa ser sujeito dessa aprendizagem, deve assumir a decisão de sê-lo” (p.88)

A proposta curricular apresentada a seguir é destinada aos estudantes do 1º ano de filosofia do ensino médio, em uma tentativa de inserir o aluno em uma vivência filosófica. Em outros termos, conduzi-lo a desenvolver uma visão a respeito da filosofia para a construção coletiva de um conhecimento que não se pretende estável. Ao contrário, um conhecimento que se assume temporal e historicamente construído.

Nesse sentido a proposta apresentada tem o papel de desmistificar o peso de uma filosofia de mais de dois mil anos, para criar um espaço propício à criação, ao construir condições para a manifestação da criatividade, seja em produção textual, seja no debate coletivo.

As ciências em geral analisam o mundo em categorias, priorizando o universal em detrimento do particular. A filosofia, por outro lado, tem a possibilidade de enxergar indivíduos sujeitos à razão, às emoções, aos desejos e às paixões e, assim, questionar as relações humanas em um ambiente rico de significado.

A busca pelo Belo será o tema central a ser desenvolvido ao longo do bimestre. O principal objetivo das aulas é criar um ambiente acolhedor para estimular os estudantes a se expressarem por meio do convívio e através da escrita, valorizando subjetividades e culturas, e ressignificando suas relações com o mundo.

Um das questões centrais do curso aqui proposto é o ser humano e o seu caráter incerto e em constante transformação ao longo da história. Mostrar o conhecimento como incerto significa colocar em risco qualquer percurso a ser seguido na filosofia, na medida em que a consciência da ignorância que essa incerteza causa, seja uma incitação à coragem na busca pelo conhecimento.

As práticas a serem desenvolvidas enxergam a importância de se fomentar a apropriação criativa e lúdica da linguagem de forma interligada entre os saberes de Filosofia e do estudante que ali se expressa.

## **Sumário de Aulas**

**Aula 1:** Apresentação do curso

**Aula 2:** Introdução à estética

**Aula 3:** A atitude estética

**Aula 4:** A arte grega e o conceito de naturalismo.

**Aula 5:** O Belo

**Aula 6:** O discurso de diotima

**Aula 7:** O discurso de diotima

**Aula 8:** A crítica de Platão a arte – *A mimesis*

**Aula 9:** A teoria da arte de Platão

**Aula 10:** A estética medieval

**Aula 11:** A arte na Idade média

**Aula 12:** A arte no renascimento

**Aula 13:** A arte no nazismo

**Aula 14:** A arte no nazismo.

**Aula 15:** A arte no nazismo.

**Aula 16:** A arte nos dias atuais.

**Aula 17:** Prova Final

**Aula 18:** Devolutiva das provas

**Aula 19:** Nota final e encerramento do bimestre

**Aula 20:** Aula extra para eventuais problemas.

## **Aula 1: Apresentação do curso**

O curso seria apresentado de maneira geral com o tema proposto, a metodologia e as formas de avaliação.

## **Aula 2: Introdução à Estética**

A aula de introdução começaria apenas com uma imagem, a catedral de Dom Bosco na cidade de Brasília-DF, pois os vitrais da catedral transformam a igreja em um céu estrelado, suas paredes são formadas por 80 colunas com mais de 15 m, que se unem no alto em arcos góticos. Entre as estruturas, estão 2,2 mil m<sup>2</sup> de vitrais que, na sua maioria combinam 12 tonalidades de azul com pontilhado branco. No centro da catedral as luzes projetadas pelos vitrais representam uma espécie de toque divino. Uma sensação única atribuída a catedral, em função de uma relação com a obra há muito discutido na história da arte, **a aura da obra de arte**. Primeiro conceito a ser discutido em sala de aula.



**Imagem 1:** Catedral de Dom Bosco, Brasília - DF

Gérard Lebrun, em seu ensaio *A mutação da obra de arte*, introduz um conceito importante para o estudo da estética: o conceito da aura da obra de arte. Segundo o

autor, a obra de alguma forma, relaciona o **conhecimento sensível** e o **conhecimento inteligível**, a partir da particularidade de um único objeto ao estabelecer nas pessoas uma sensação e uma relação única com a obra, e a isso ele denomina a aura da obra.

Esses três termos seriam elencados na lousa e, em um primeiro momento da reflexão, discutidos em sala de aula. O propósito com a imagem e os principais conceitos atribuídos a estética seriam uma primeira imersão no tema para a desmistificação do conceito de estética do senso comum.

### **Aula 3: A atitude estética**

A aula começaria com a etimologia da palavra *estética* retirada do livro *Filosofando*, bem como a reflexão que o capítulo 27 propõe. Do grego *aisthesis* que se refere à sensibilidade, não há uma sensibilidade gerada pelos sentimentos, mas sim uma sensibilidade gerada **através dos sentidos**. Assim sendo, o termo foi definido por Alexander Baumgarten no século XVIII, como ciência da percepção em geral, um conhecimento dos sentidos.

Nesse sentido, a estética como um estudo do conhecimento sensível, inicia um movimento que busca domar esse conhecimento, uma vez que ele é mutável, particular e acidental e assim muito aberto à interpretação. Esse movimento se estabelece através de um canal de contato com os estímulos que se recebe do mundo. Logo a representação do mundo dá-se pela **observação da natureza** ou pela **observação de uma forma ideal**. E assim, o conhecimento adquirido a partir do sensível se dá como teoria das artes liberais, como arte de pensar de modo belo, para que a sensibilidade seja colocada nos ditames da razão. (Filosando, p. 335)

A arte dessa forma é classificada por três faculdades: **o inteligível, sensível e a imaginação**. E embora ainda não houvesse sido utilizado o termo como o utilizamos agora, desde Platão é que filósofos se colocam a pensar sobre a arte e o belo. Antes do século XVIII se discutia a ideia, em um sentido transcendental, e como o artista dava a forma à matéria, se era um dom, emanção divina ou outra inspiração. Os questionamentos da antiguidade se davam sobre a natureza da criação, e a sua tentativa de alcançar algo puro e perfeito na sua totalidade. Essa aula serviria para introduzir a questão do Belo como forma ideal a ser alcançada.

#### **Aula 4: A arte grega e o conceito de naturalismo**

Para continuar a discussão da aula anterior seriam usados dois trechos retirados do *Filosofando*, são eles: o trecho que fala a respeito da beleza na página 336 e o trecho que fala a respeito da arte grega e o conceito de naturalismo na página 366/367. Os textos são importantes para introduzir o conceito de *mimese*, altamente combatida por Platão na *República*.

#### **Aula 5: O Belo**

Para Platão o entendimento do Belo é um processo de conhecimento que se dá a partir do **mundo das Ideias**, em um movimento de ida e vinda, ao chegar perto das essências. Segundo ele, a beleza do corpo é um ato, um impulso, uma graça que nele se exprime sob influência de sua **Ideia**. Esses primeiros conceitos platônicos seriam explicados em sala como uma forma de alcançar o conhecimento, ou seja, como um processo de alcançar o que foi discutido na aula anterior, a perfeição.

Esse processo é próxima à ideia de uma escada na qual o ser humano deve ir ascendendo. **Primeiro** amando todos os belos corpos, **segundo** passando a amar um só corpo, **terceiro** da beleza pessoal chega aos belos costumes, **quarto** dos costumes ao belo aprendizado, por fim, **quinto** àquele estudo particular que se ocupa da própria beleza e apenas dela, de forma que finalmente venha a conhecer a essência da própria beleza. Assim, para escapar das limitações dimensionais e ascender à verdadeira beleza, devemos caminhar do corpo à alma, da alma aos belos costumes e dos belos costumes ao Belo em si.

#### **Aula 6: O discurso de Diotima**

##### **Trecho do discurso de Diotima**

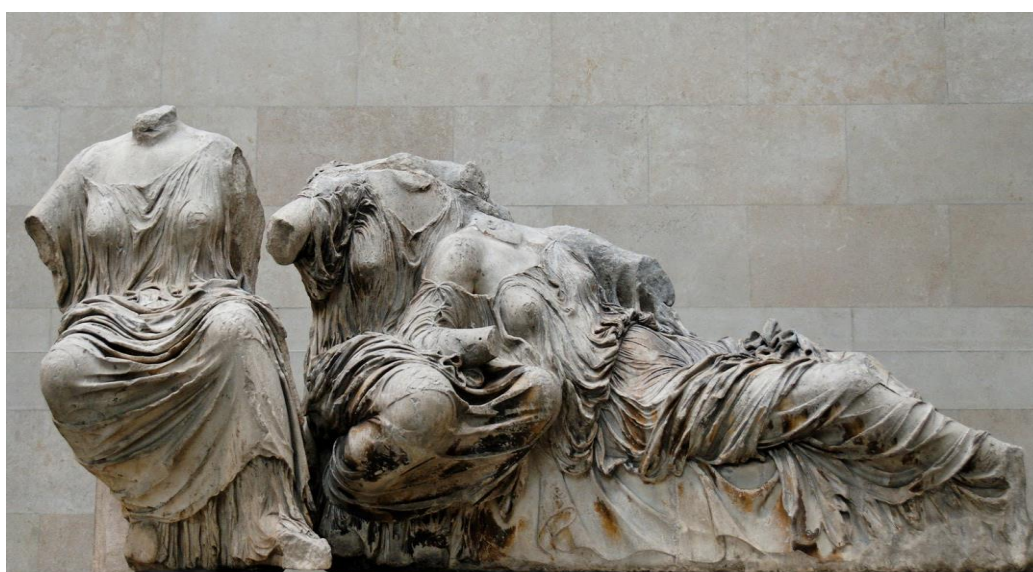
Quando nasceu Afrodite, banquetevam-se os deuses, e entre os demais se encontrava também o filho de Prudência, Recurso. Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar do festim a Pobreza, e ficou pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar - pois vinho ainda não havia - penetrou o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu. Pobreza então, tramando em sua falta de recurso



engendrar um filho de Recurso, deita-se ao seu lado e pronto concebe o Amor. Eis por que ficou companheiro e servo de Afrodite o Amor, gerado em seu natalício, ao mesmo tempo que por natureza amante do belo, porque também Afrodite é bela. E por ser filho o Amor de Recurso e de Pobreza foi esta a condição em que ele ficou. Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão. Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio ele recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista: e nem imortal é a sua natureza nem mortal, e no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece; ora morre e de novo ressuscita, graças à natureza do pai; e o que consegue sempre lhe escapa, de modo que nem empobrece o Amor nem enriquece, assim como também está no meio da sabedoria e da ignorância. (BANQUETE, Platão)

O trecho do texto retirado do banquete seria usado para mostra a definição de platão da filosofia, como o amor a sabedoria, justamente porque esse amor busca o Belo e o conhecimento. Pois Platão é conhecido como um crítico da arte, mas a sua crítica não era da arte em si, pois Platão não rejeitava a concepção de arte como um todo, apenas aquela que se ocupava com a **mimesis** (discutida nas aulas anteriores), ou seja, com a reprodução fiel da natureza pela obra de arte. Portanto, as esculturas e as pinturas gregas que se preocupavam em reproduzir de modo fiel a realidade sensível eram consideradas inferiores, pois estavam copiando o que, segundo Platão, já era uma cópia em si. Assim, as esculturas de deuses, como Dionísio e Afrodite, que eram criadas reproduzindo o movimento do vento na maleabilidade dos tecidos e na curvatura dos corpos; ressaltando os músculos e o despojamento do corpo criava uma sensação que distorcia os sentidos para o que era verdadeiramente importante, a saber, o mundo das formas inteligíveis. Platão também compara a mimesis a um espelho, no qual tudo que temos é uma imagem das coisas.

### Imagens a serem usadas:



### Aula 7: O discurso de Diotima

**Atividade:** Será proposta uma atividade de escrita com a retomada dos principais conceitos apresentados em sala. O aluno deverá fazer uma dissertação contendo 3 parágrafos (com começo, meio e fim), com no mínimo 5 linhas em cada parágrafo, explicando um ou mais de um dos conceitos apresentados em sala.

### Aula 8: A crítica de Platão à arte

Na República, Platão coloca o artista como um fingidor, pois para ele todas as coisas existentes no mundo já são cópias do mundo das ideias, portanto seria uma cópia da cópia. Porque os artistas ou estão representando com exatidão a natureza e então é

inútil ou enganam os outros homens, construindo aparências falsas e que ainda confundem a nossa alma.

Para o filósofo a pintura só diz respeito à aparência das coisas, não à sua essência. Diz Platão que ela está afastada da verdade em três graus, uma vez que o pintor imita um objeto que já é por sua vez uma imitação, uma imagem da Ideia (é o célebre exemplo das três camas: a Ideia da cama, a cama fabricada pelo artesão que contempla a Ideia, e a cama do pintor que imita a do artesão). Ao mesmo tempo mentirosa e sedutora, a pintura é portanto uma atividade inútil e perigosa.<sup>1</sup>

Contudo, Platão apreciava a arte egípcia que transmitia uma noção de força, poder e justiça, expressa na rigidez dos corpos, nos traços fortes e uniformes. Pois, segundo Panofsky, Platão acreditava na existência de um caminho que levava a contemplação dessa beleza inteligível que está para além da obra de arte. Segundo o autor, a alma precisa ocupar-se ao espetáculo das belas ocupações, depois ao das belas obras, isto é, não tanto por aquelas produzidas pelas artes, mas daquelas realizadas pelos homens de bem e, por fim, devem contemplar a própria alma daqueles que executam essas belas obras.

**Imagens a serem utilizadas:**



<sup>1</sup> "Platão imitação, obra e simulacro (A república, o sofista)" in Lichenstein, Jaqueline (org) A Pintura, vol"5:"da"imitação"à"expressão."S."Paulo:"Ed"34,"2004,"p."17W22)"

## **Aula 9: A teoria da arte de Platão**

A aula retomaria o que foi discutido para um fechamento da teoria da arte em Platão. A ideia é discutir que o encantamento da obra, na experiência estética, estaria ligado ao encantamento da obra bela e seria um dos fatores responsáveis pela busca da compreensão conceitual, buscar, portanto, um conhecimento do Belo. A busca platônica pelo belo, não é o belo estético, mas a essência do belo. A beleza estética, embora subjetiva, é facilmente reconhecida, enquanto as outras virtudes, como justiça e sabedoria não são tão fáceis de reconhecer através do olhar. Na Grécia antiga, o bem, o belo, e a verdade (sabedoria) são entendidos como uma tríade inseparável.

Na República, a obra explora não só o governo da pólis, mas o governo da alma, o governo de si mesmo, Platão analisa o papel das artes na educação dos jovens, que como são muito impressionáveis, deveriam estudar apenas os “bons artistas”, pois esses “bons artistas” seriam aqueles que descrevem homens virtuosos do passado, de modo que os jovens se sintam inspirados a imitá-los e se tornarem bons.

O Belo no mundo sensível é o caminho condutor até o mundo das ideias, esse caminho é o amor, mas também se refere a **Kalokagathia**, que é o ideal pedagógico da sociedade grega de um indivíduo melhor, Kalo significa Belo e Kagathia, ser Belo e Bom. Assim temos a tríade inseparável: Belo, Bem e Verdade, Belo enquanto estético, pois diz a respeito da simetria, harmonia, cores, Belo enquanto moral, que é o equilíbrio das almas e por fim, o Belo enquanto intelectual, que se relaciona com a sabedoria. Essa tríade nos mostra que a preocupação de Platão na República, por exemplo, não é só com uma boa polis, mas também com as virtudes da alma, o governo da alma e de si mesmo.

## **Aula 10: A arte na Idade Média**

Os neoplatônicos acreditam que o artista se eleva ao status de intelectual, pois a legitimidade metafísica atribuída a obra reside no artista, seja por intermédio de Deus as Ideias foram “colocadas” no interior.

Nessa concepção neoplatônica de belo, as experiências sensíveis entram com a importância de possibilitar um caminho para as Ideias, ou seja, para o mundo das formas. No entanto, essa Ideia da beleza encontra-se, segundo Cícero, no interior, ou seja, na alma humana.

Outra visão decorrente da teoria das Ideias de Platão e sua relação com o belo e a obra de arte são os comentários de Marsílio Ficino a obra *O Banquete*. Em seu comentário Ficino descreve como se dá a irradiação do belo presente em Deus às coisas sensíveis. Segundo ele, a beleza do corpo é um ato, um impulso, uma graça que nele se exprime sob influência de sua Ideia. O caminho para o Belo estaria separado em quatro dimensões. A beleza do corpo que é limitada a um lugar e se perde com o tempo; a beleza da alma que é constituída de uma infinidade de partes, e é livre no espaço, mas ainda limitada pelo tempo; a beleza do anjo; e a beleza de Deus. Sendo Deus a fonte de toda a beleza e de todo o amor.

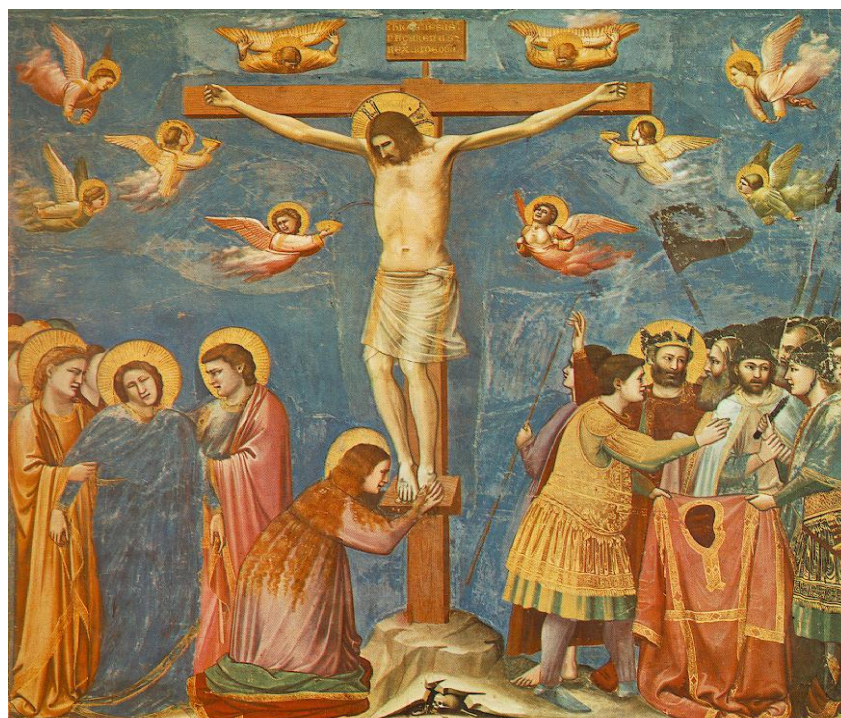
Essa ideia é próxima à ideia de Platão do amor como uma escada na qual o ser humano deve ir ascendendo. Primeiro amando todos os belos corpos, passando a amar um só corpo, da beleza pessoal chega aos belos costumes, dos costumes ao belo aprendizado, por fim, àquele estudo particular que se ocupa da própria beleza e apenas dela, de forma que finalmente venha a conhecer a essência da própria beleza. Assim, para escapar das limitações dimensionais e ascender à verdadeira beleza, devemos caminhar do corpo à alma, da alma ao anjo e do anjo a Deus.

Tendo por base a filosofia platônica, define-se o belo como transcendente e incorpóreo e o amor como desejo de beleza. O amor seria em última instância a busca dessa “suma beleza”, que não se encontra no mundo sensível e é o próprio Deus, todo o desejo de beleza e o amor são, portanto, a busca e o desejo pela divindade.

A contraposição das duas concepções de arte será apresentada para os alunos em uma tentativa de mostrar como a Idade Média assimilou as ideias platônicas tendo agora em vista a visão forte do cristianismo da época.



Obras a serem utilizadas:



## **Aula 11: A arte na Idade Média**

O legado platônico na construção da cultura ocidental é imenso, e os seus desdobramentos chegaram à Idade Média. Percebe-se, dessa forma, que a concepção de arte como um caminho para o mundo das Ideias permaneceu no pensamento neoplatônico e adentrou a Idade Média. No entanto, o que se destaca desse período é o entendimento do belo na obra de arte como voltada para a valorização do espírito. Os valores cristãos estavam impregnados nas obras de arte feitas neste período. Deus era o centro e medida de todas as coisas.

No século IX, o pensamento filosófico medieval tem como questão a relação e harmonização da fé e da razão. A Escolástica foi bastante influenciada pelos neoplatônicos e combinava os valores cristãos com os pensamentos de Platão. A arte nos dá a contemplação de um tipo de beleza que através do artista se transfere a matéria, ou seja, o artista é um mediador entre Deus e o mundo material.

A aula fará uso do *Filosofando*, página 368, *Estética medieval*, para mostrar o papel educacional que a arte tinha naquela época, em função de uma população, na maioria das vezes, iletrada, a arte se faz presente na educação da população, uma educação majoritariamente cristã.

## **Aula 12 : A arte no renascimento**

A aula fará uso do *Filosofando*, página 369, em que é discutida a transição do papel do artista de mero artesão para a condição de trabalho intelectual, trecho *O naturalismo renascentista*.<sup>2</sup> Posteriormente no renascimento, o conceito de Ideia será desprovido dessa noção *a priori* da busca de um mundo transcendente e caberá ao artista a autonomia de se conectar com essa busca pela perfeição através de si mesmo. A **subjetividade** será valorizada, em detrimento de postulados dados e empiricamente estabelecidos, a busca pela perfeição do mundo inteligível será um objetivo, na medida em que o artista e mais precisamente, o verdadeiro artista, estabelece as suas próprias regras.

A mimesis é valorizada, como princípio para a obra de arte que visaria imitar a natureza tal como esta se apresenta aos sentidos. A teoria que deu base para esse

---

<sup>2</sup> Ver *Filosofando* ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. 4. ed. São Paulo, SP: Moderna, 2009. 479 p



conceito no Renascimento foi a doutrina de Aristóteles da mimesis. Na contramão de rejeitar a mimese por conta de ser uma cópia desfigurada do real, podemos entender tais obras de arte partindo de que a imitação implica não uma relação de identidade, mas uma relação de semelhança ou analogia. Ou seja, ao imitar a natureza como ela se apresenta aos sentidos, não é simplesmente reproduzir aquilo que os sentidos já captam, mas sim tentar entender aquilo que é intrínseco a ela e a forma como tal, isto é, tentar encarnar a natureza.

No renascimento temos o homem como criador, intelectual, de posse de conhecimentos matemáticos para mimetizar o mundo. Com isso, Brunelleschi, artista florentino do século XV, cria um grande movimento da arte nesse período, que é a invenção de um novo sistema de representação do espaço. Brunelleschi, segundo Francastell, pensa em uma nova visão de espaço e isso é demonstrado pela cúpula de Santa Maria de Fiore, na qual Brunelleschi fez parte da finalização, pois na cúpula não há uma ideia de um sistema fechado, mas sim de um sistema geométrico que se relaciona com todo o universo:

### **Imagens de cúpula de Santa Maria de Fiore**







**Obras Renascentistas**





### **Aula 13: A arte no Nazismo**

Será passado o documentário “*Arquitetura da Destruição*” de Peter Cohen, em que apresenta-se o uso da arte feita por Hitler. Nessa apropriação do belo feita por ele as propagandas ao nazismo, os desfiles, os uniformes, e até mesmo as insígnias militares transmitiam uma ideia de higienização estética e bom uso da noção grega de beleza..

### **Aula 14: A arte no Nazismo**

Continuação do documentário

## **Aula 15: A arte no Nazismo**

Em uma análise do documentário perceberíamos que a ideologia nazista consistia na ideia de um mundo harmonioso, defendendo também um ideal de belo estético. Tudo que ia contra a esse ideal era considerado danoso e digno de eliminação, nesse contexto os deficientes, os mestiços e os judeus deveriam ser eliminados para a proteção do que se colocava como o “corpo do povo alemão”. Hitler igualou princípio de beleza e saúde, dessa forma, o médico passou a ser visto como um perito em estética. Contudo, o ideal de beleza foi muito mais além que apenas os corpos, essa preocupação atingiu diversas outras áreas, como afirma Kangussu na resenha do filme A questão estética no nacional-socialismo.

Limpeza foi o lema da “Beleza no trabalho”, “trabalhadores limpos em locais limpos” era seu slogan. Pretendia-se libertar os trabalhadores livrando-os do estigma da sujeira. Considerava-se que se o trabalhador fosse elevado, através da limpeza e da beleza, ao nível da burguesia, ele entenderia que não havia razões para a luta de classes. (Kangussu, p.2)

Ou seja, a apropriação do belo feita por Hitler fazia de uma questão social forma de se impor superior racialmente a outras pessoas. Hitler seguindo a sua ideia de higienização da arte faz as exposições de “arte degenerada”, que exemplificam o que deve ser evitado. Dessa forma, essa arte degenerada era considerada corruptora do intelecto e do espírito. Como coloco Kangussu:

A ofensiva contra a arte moderna tinha caráter “higiênico”. A arte moderna, segundo os nazistas, mostrava sinais da doença mental de seus criadores. O teórico Paul Schultze-Naumburg mostrava fotos de deformações reais, tiradas de revistas médicas, comparando-as com obras de arte moderna e conectando degeneração com perversão artística. A arte deveria ser o espelho da saúde racial, sua referência deveria ser, portanto, a Antigüidade Clássica e o Renascimento. Como as esculturas gregas, deveria expressar o desejo – atribuído ao povo – de representar a raça ideal. Ao passo que, na arte moderna, nada poderia ser identificado além da



desgraça observada em hospitais e manicômios, onde se reuniria a degeneração da espécie. Visão que precisaria ser banida, para sempre, da “nova Alemanha”. (Kangussu, p.2)

Esses dois trechos da resenha de Kangussu seriam entregues aos alunos para discussão em sala de aula.

### **Aula 16: A arte na contemporaneidade**

Atualmente, por exemplo, possui-se uma relação com a arte diferente, as mídias atuais e a tecnologia desvirtuam o que Lebrun chama de aura da obra de arte. Segundo ele, antes o que era “ame o que nunca será visto duas vezes” passa a se tornar público e de fácil alcance, a divulgação por televisão, fotografia transformam a experiência estética.

Walter Benjamin no seu livro *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* atesta o declínio da aura da obra através das fotografias de Atget, que registrou, por volta de 1900, as ruas parisienses desertas de seres humanos. Segundo Benjamin, as fotos representavam a cena do local de um crime, a morte da aura da obra de arte.

Deste modo, a investigação estética se molda de acordo com a maneira que cada sociedade lida com a arte, como essa sociedade olha para o produto e o interpreta. Com efeito, a questão principal a ser discutida é o meio pelo qual se busca a experiência estética, ao entender as particularidades de um processo mutável conforme a maneira com que as pessoas lidam com o conceito de arte.



Por fim, um debate sobre as formas de arte nos dias de hoje seria levantado, formas como grafite, pichações, arte de rua, artesanato, e outras representações que de alguma forma, transmitem um cultura de determinada civilização. Para tanto, far-se-ia uso do *Filosofando* página 343, *O sentido de cultura*, para finalizar a discussão sem dar uma resposta, apenas para mostrar quão ampla e aberta a discussão filosófica pode ser.

## **Aula 17: Prova Final**

### **Referências Bibliográficas**

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. 4. ed. São Paulo, SP: Moderna, 2009. 479 p

LEBRUN, G. *A mutação da obra de arte*. In Emmanuel Carneiro Leão et al. *Arte e Filosofia*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INAP, 1983.

FICINO, M. *Comentário sobre O Banquete de Platão*. In Lichenstein, Jaqueline (org.) *A Pintura*, vol. 4: o belo. São Paulo: Editora 34, 2004, pp. 42-56.

RIBON, M. *A mimesis ou a representação artística da natureza*. In \_\_\_\_\_. *A arte e a natureza*. Campinas: Papyrus, 1991, pp. 55-69.

COHEN, P. *Arquitetura da Destruição*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IBqGThx2Mas>. Acessado em 26 de abr. 2015.

KANGUSSU, I. *A questão estética no nacional-socialismo*. Disponível em: [https://www.dropbox.com/sh/7c7bswfykn5x3vj/AABGLRQZo18i098JXr99EuCZa/Arquitetura%20da%20destrui%C3%A7%C3%A3o/Imaculada%20Kangussu\\_arquitetura\\_da\\_destrui\\_o.doc?dl=0](https://www.dropbox.com/sh/7c7bswfykn5x3vj/AABGLRQZo18i098JXr99EuCZa/Arquitetura%20da%20destrui%C3%A7%C3%A3o/Imaculada%20Kangussu_arquitetura_da_destrui_o.doc?dl=0). Acessado em 26 de abr. 2015.